



ANÃNSI

Revista de Filosofia, Salvador.
Universidade do Estado da Bahia
ISSN: 2675-8385

Helena de Troia, emblema do discurso: uma leitura do *Tratado do não-ser* e do *Elogio de Helena*, de Górgias de Leontinos

*Helen of Troy, emblem of discourse: a reading of the
Treatise on non-being and The Encomium of Helen, by
Gorgias of Leontini*

Janaína Silveira Mafra¹

Resumo

Este ensaio apresenta a hipótese de que, em lugar de ser capturada pelo discurso, Helena de Troia é o seu emblema. Para se compreender melhor qual é o sentido do “discurso” a que nos referimos, primeiramente, serão abordados, a partir do corpus gorgiânico, os três conhecidos princípios (τρία κεφάλαια) que norteiam o *Tratado sobre o não-ser ou sobre a natureza* e, em seguida, será mostrado, a partir do *Elogio de Helena*, que o discurso, ao invés de ser precedido pelo ser (τὸ ὄν), visa a produzir um efeito-mundo.

Palavras-chave: Górgias de Leontinos, *Tratado do não-ser ou sobre a natureza*, *Elogio de Helena*, Helena de Troia, discurso.

Abstract

This essay presents the hypothesis that, rather than being captured by the discourse, Helen of Troy is its emblem. In order to better understand the meaning of the “discourse” to which we refer, firstly, we will approach, from the gorgianic *corpus*, the three well-known principles (τρία κεφάλαια) that guide the *Treatise on non-being or on nature*, then, we will show, from *The Encomium of Helen*, that the discourse, instead of being preceded by being (τὸ ὄν), aims to produce a world-effect.

Keywords: Gorgias of Leontini, *Treatise of non-being or on nature*, *The Encomium of Helen*, Helen, Discourse.

¹ Graduada, Mestra e Doutoranda em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Possui Formação Complementar em Letras clássicas (Grego e Latim). E-mail: janasmafra@icloud.com

Τῆς τε γὰρ ὑπαρχούσης φύσεως μὴ χείροσι γενέσθαι ὑμῖν μεγάλη ἡ δόξα καὶ ἧς ἂν ἐπ' ἐλάχιστον ἀρετῆς πέρι ἢ ψόγου ἐν τοῖς ἄρσεσι κλέος ᾗ.

Será grande a vossa glória [a das mulheres] se vos mantiverdes fiéis à vossa própria natureza, e grande também será a glória daquelas de quem menos se falar, seja pelas virtudes, seja pelos defeitos.

[TUCÍDIDES, *História da guerra do Peloponeso*, II, 45, 2]

Introdução

Na contramão do que preconiza o discurso fúnebre de Péricles, segundo o qual gloriosas serão aquelas que se mantiverem fiéis à própria natureza² e de quem menos se falar, seja pelas virtudes, seja pelos defeitos, Helena talvez tenha sido a mulher grega de quem mais se falou: da má fama do nome³ aos ditos elogios⁴. E de quem ainda muito se fala⁵. Não obstante, ela teima em escapar a ser apreendida pela teia do discurso, nos furos do qual ela parece sempre escorregar. Diante disso, neste breve ensaio, será apresentada a hipótese de que, em lugar de ser capturada pelo discurso, Helena é o seu emblema. Para se compreender melhor qual é o sentido do “discurso” a que nos referimos, primeiramente, serão abordados os três conhecidos princípios (τρία κεφάλαια) que norteiam o *Tratado sobre o não-ser ou sobre a natureza*⁶ e, em seguida, será mostrado, a partir do *Elogio de*

² Que natureza é essa? A pergunta se deve ao fato de que muitas vezes o que se chama de natureza não passa de *dóxa* e *éthos* hegemônicos. Poderíamos pensar na “natureza feminina” sugerida de maneira irônica por Giulia Sissa, quando ela faz menção às obsessões do discurso erudito: “Se quiséssemos resumir numa lista as obsessões do discurso erudito, não iríamos muito longe. A mulher é passiva e, na melhor das hipóteses, inferior, em relação, escusado será dizer, ao padrão anatômico, fisiológico e psicológico: o homem” (1990, p. 85).

³ Da má fama do nome (também presente em Homero) Ésquilo disse, jogando com a etimologia do nome de Helena: Χο- Τίς ποτ' ὠνόμαζεν ᾧδ' / ἐς τὸ πᾶν ἐτητύμως / μή τις ὄντιν' οὐχ ὀρώμεν προνοί-/αἰσι τοῦ πεπρωμένου/ γλώσσαν ἐν τύχᾳ νέμων;/ τὰν δορίγαμβρον ἀμφινει-/ κῆ θ' Ἑλέναν; ἐπει πρεπόντως/ ἐλένας, ἔλανδρος, ἐλέ-/πτολις.../Coro- Quem afinal deu nome/ em tudo tão verdadeiro/ (não o vemos a dirigir/ com previsão do destino/ a acertada língua)/ à belinubente e litiginosa/ Helena? Com nitidez/ é lesa-naus e lesa-varões/ e lesa-país (ἐλένας, ἔλανδρος, ἐλέ-/πτολις)... (*Agamêmnon*, v. 681-690, trad. de J. Torrano).

⁴ De Górgias de Leontinos e de Isócrates. Lembrando que esse último disse que Górgias não fez propriamente um elogio de Helena, mas, diferentemente, uma defesa (LACERDA, 2011, p. 32 e, especificamente, ISÓCRATES, *Elogio de Helena*, 14). Sobre a noção de elogio em Górgias, ver COELHO, 2010, p. 46.

⁵ Para as diferentes figurações de Helena a partir da tragédia grega e da linguagem do cinema, ver os interessantes artigos de Maria Cecília Coelho (2001, pp. 159-172 e 2016, pp. 15-32).

⁶ Lançamos mão da versão de Sexto Empírico. Sobre Górgias de Leontinos, Maria Cecília Coelho, na Introdução à sua tradução do *Tratado sobre o não-ente ou sobre a natureza* e do *Elogio de Helena*, diz, a fim de que evitemos vê-lo sempre pelo viés platônico-aristotélico como um sofista ou retor: “se estivermos atentos à obra de Sexto, Górgias é, primeiramente, descrito como um lógico (vele lembrar, no sentido de alguém que investiga os

Helena, que o discurso, ao invés de ser precedido pelo ser (τὸ ὄν), visa a produzir um efeito-mundo⁷.

Primeira parte: a noção de discurso no *Tratado do não-ser ou sobre a natureza*

Logo no início do *Tratado do não-ser ou sobre a natureza* os três princípios que o norteiam são enumerados:

ἐν γὰρ τῶι ἐπιγραφομένωι Περὶ τοῦ μὴ ὄντος ἢ Περὶ φύσεως τρία κατὰ τὸ ἐξῆς κεφάλαια κατασκευάζει, ἐν μὲν καὶ πρῶτον ὅτι οὐδὲν ἔστιν, δεύτερον ὅτι εἶ καὶ ἔστιν, ἀκατάληπτον ἀνθρώπωι, τρίτον ὅτι εἶ καὶ καταληπτόν, ἀλλὰ τοί γε ἀνέξοιστον καὶ ἀνερμήνευτον τῶι πέλας.

[Pois no escrito Sobre o não-ser ou Sobre a natureza três princípios (τρία κεφάλαια) ele dispõe segundo a ordem: um e primeiro, que nada existe (οὐδὲν ἔστιν), segundo, que se existe (εἶ καὶ ἔστιν), é inapreensível pelo homem (ἀκατάληπτον ἀνθρώπωι), terceiro, que mesmo se for apreendido (εἶ καὶ καταληπτόν), é incomunicável e indescritível ao outro (ἀνέξοιστον καὶ ἀνερμήνευτον τῶι πέλας)].

(GÓRGIAS, *Sobre o não-ente ou sobre a natureza*, 65-66)

Segue uma síntese das conclusões deduzidas da exploração de cada um desses princípios:

-Primeiro, nada existe (§§67-76) - Nem o ser existe, nem o não-ser, tampouco o ser e o não ser.

critérios de aquisição da verdade e uma teoria da prova), portanto, um filósofo e não um retor" (COELHO, 1999, pp. 8-9). Sobre o termo "retórica", Edward Schiappa ressalta: "A hipótese central defendida neste ensaio é que o termo ῥητορικὴ se originou no início do século IV e possivelmente foi cunhado por Platão. A hipótese será refutada se uma passagem autêntica do século V contendo ῥητορικὴ for identificada. Até este momento, a rara e estranha distribuição de ῥητορικὴ no século quarto é uma anomalia que requer explicação" (1990, p. 470). As traduções dos textos antigos e modernos são de nossa responsabilidade, salvo quando há indicação do contrário. Sobre o papel da classificação do *Tratado do não-ser ou sobre a natureza* por Sexto Empírico e suas consequências sobre a noção de verdade, ver COELHO, 2010, pp. 27-55.

⁷ Embora Barbara Cassin diga que o discurso "sofístico" não é precedido pelo ser, mas, em lugar disso, visa a produzir "realidades" (1995, p. 401 e 2005, p. 56), termos hoje problematizados pelos estudiosos de Górgias de Leontinos, o primeiro, por ser homogêneo demais, o segundo, por ter uma carga demasiado ontológica, ela, parece-me, deu uma contribuição importante para os estudos neste campo. Sobre as caracterizações gerais dos sofistas e do movimento sofístico, George Kerferd nos adverte em *The sophists and their legacy*: "Talvez muita atenção tenha sido dada no passado às tentativas de chegar a caracterizações gerais dos sofistas e do movimento sofístico. Isso não ocorre porque as caracterizações gerais são em si mesmas de qualquer modo impróprias. Mas elas devem ser baseadas em estudos detalhados das evidências reais sobre sofistas individuais" (1981, p. 3).

-*Segundo, se existe, é incognoscível pelo homem (§§77-83)* - Se o ser existe, não é cognoscível pelo homem. Além disso, a coisa pensada ser não é, do contrário ela passaria a existir quando pensada. Não ocorre, porém, que quando alguém pensa em um homem voando ou em carros correndo no mar, o homem voe e os carros corram no mar. Se a coisa pensada fosse ser, o não-ser não seria pensado, pois à coisa contrária ocorre coisa contrária. O que seria absurdo, pois Cila e Quimera e muitos não-seres são pensados.

-*Terceiro, mesmo se for cognoscível, é incomunicável ao outro (§§84-87)* - Se o ser for conhecido, não é indicado ao outro, mas, sim, a palavra, que é diferente do subsistente. Do mesmo modo que o visível não se tornaria audível e reciprocamente, o ser, porque subsistiria fora, não se tornaria palavra. Não sendo palavra, não poderia ser mostrado ao outro.

Tendo em vista o *Poema* de Parmênides, que parte do pressuposto de que “o ser é e o não-ser não é”, bem como da identidade ou do co-pertencimento entre ser e pensar, o *Tratado sobre o não-ser* sustenta que nada existe e que há uma diferença e, poderíamos dizer, um fosso entre o ser (se ele existe), o conhecer/pensar e o dizer. Tal é o ponto de partida gorgiânico, mostrar que a ontologia parmenidiana só pode manter sua posição e, desde então, ocupar a cena porque ela esquece que ela mesma é um discurso. Górgias questiona a equivalência entre “dizer” e “significar alguma coisa que tenha o mesmo sentido para si mesmo e para outrem”. Para explicitar o que Barbara Cassin chama de a posição “logológica”⁸ do Leontino, é preciso inverter o sentido do sentido, que não vai do ser ao dizer, mas do dizer ao ser – ou seja, nos termos do *Tratado sobre o não-ser*: não é o discurso que indica o fora, mas o fora que vem revelar o discurso. Desaparece o objeto subsistente e substancial, em favor do efeito e da eficácia desse efeito. Assim o fora, o ser, longe de ser anterior, conforma-se, sempre na sequência, ao discurso que efetuou a predição dele, e ele mantém sua existência – como Helena, essa personificação da palavra – somente por ter sido discorrido⁹. Passemos então ao *Elogio de Helena*, de Górgias.

Segunda parte: o efeito do discurso no *Elogio de Helena*

O *Elogio de Helena* começa com afirmações contundentes, em torno da ordem (κόσμος):

Κόσμος πόλει μὲν εὐάνδρῖα, σώματι δὲ κάλλος, ψυχῆι δὲ σοφία, πράγματι δὲ ἀρετή, λόγῳ δὲ ἀλήθεια· τὰ δὲ ἐναντία τοῦτων ἀκοσμία.

⁸ Retomando a distinção que a comentadora francesa faz entre a ontologia e a logologia: “Onto-logia: o discurso comemora o ser, tem por tarefa dizê-lo. Logologia: o discurso faz o ser, o ser é um efeito de dizer. Em um caso, o de fora se impõe e impõe que se o diga; no outro, o discurso produz o de fora” (2005, p. 63).

⁹ A esse respeito, ver CASSIN, 1995, pp. 400-401.

[Ordem (κόσμος) para a cidade é o heroísmo dos homens (πόλει μὲν εὐανδρία), para o corpo a beleza (σώματι δὲ κάλλος), para a alma a sabedoria (ψυχῇ δὲ σοφία), para o ato a excelência (πράγματι δὲ ἀρετή), para o discurso a verdade (λόγῳ δὲ ἀλήθεια); o contrário disso é desordem (τὰ δὲ ἐναντία τοῦτων ἀκοσμία)].

(GÓRGIAS. *O elogio de Helena*, 1)

E assim Górgias prossegue até chegar na justificação de seu discurso, segundo o qual é dever do mesmo homem dizer corretamente o que é preciso e refutar os que censuram Helena, mulher em torno da qual está a crença dos que ouviram os poetas e a fama do nome, que se tornou mementos de males¹⁰. Górgias quer livrar Helena da acusação, mostrando não só que aqueles que falaram mal dela se enganaram, mas também a verdade, capaz de livrá-los da ignorância. Ele apresenta então as quatro causas (αίτίας) que a levaram a partir para Tróia e que nortearão todo o discurso:

ἢ γὰρ Τύχης βουλημασι καὶ θεῶν βουλευμασι καὶ Ἀνάγκης ψηφίσμασιν ἔπραξεν ἢ ἔπραξεν, ἢ βίαι ἀρπασθεῖσα, ἢ λόγοις πεισθεῖσα, ἢ ἔρωτι ἀλοῦσα.

[Pois, ou pelos desígnios da sorte (Τύχης βουλημασι) e por deliberação dos deuses (θεῶν βουλευμασι) e por decretos da necessidade (Ἀνάγκης ψηφίσμασιν) ela agiu ou tendo sido raptada à força (βίαι ἀρπασθεῖσα), ou persuadida por palavras (λόγοις πεισθεῖσα) ou presa por amor (ἔρωτι ἀλοῦσα)].

(GÓRGIAS, *Elogio de Helena*, 6)

Tais causas, desenvolvidas em detalhe ao longo do *Elogio*, são resumidas a seguir junto das respectivas defesas de Helena:

-Em relação à primeira causa (§6), é dito que é justo ser acusado o que acusa, pois é impossível impedir o desejo de um deus com a previsão humana, já que por natureza o mais fraco é dominado pelo mais forte e a divindade é superior ao homem em força, sabedoria e noutras coisas. Se, portanto, se atribui a acusação à sorte (Τύχης), à divindade (θεῶν) e à necessidade (Ἀνάγκης), deve-se liberar Helena da má fama.

-Em relação à segunda causa (§7), é dito que, se foi raptada com violência (βίαι ἠρπάσθη), é evidente que a vítima não é responsável, mas o que fez tal injustiça. Então, é justo que se compadeça de Helena e se odeie o raptor.

¹⁰ A respeito da má fama do nome de Helena, ver nota 2.

-Em relação à terceira causa (§§8-14), Górgias se estende um pouco mais e, por conseguinte, nós também nos estenderemos um pouco mais, com o objetivo de considerar o grande poder do discurso. Ele diz:

λόγος δυνάστης μέγας ἐστίν ὃς σμικροτάτῳ σώματι καὶ ἀφανεστάτῳ θειότατα ἔργα ἀπολετεῖ· δύνатаι γὰρ καὶ φόβον παῦσαι καὶ λύπην ἀφελεῖν καὶ χάραν ἐνεργάσασθαι καὶ ἔλεον ἐπαυξῆσαι.

[o discurso (λόγος) é um grande soberano (δυνάστης μέγας ἐστίν), que com o menor e mais invisível corpo (ὃς σμικροτάτῳ σώματι καὶ ἀφανεστάτῳ), executa as ações mais divinas (θειότατα ἔργα ἀπολετεῖ), pois ele tem o poder de cessar o medo (δύνатаι γὰρ καὶ φόβον παῦσαι), retirar a tristeza (λύπην ἀφελεῖν), inspirar alegria (χάραν ἐνεργάσασθαι) e aumentar a piedade (ἔλεον ἐπαυξῆσαι)].

(GÓRGIAS, *Elogio de Helena*, 8)

Ele ainda acrescenta que

ὁ μὲν οὖν πείσας ὡς ἀναγκάσας ἀδικεῖ, ἡ δὲ πεισθεῖσα ὡς ἀνανκασθεῖσα τῶι λόγῳ μάτην ἀκοῦει κακῶς.

[aquele que persuade (ὁ πείσας), porque força (ὡς ἀναγκάσας), é injusto (ἀδικεῖ), mas a que é persuadida (ἡ πεισθεῖσα), porque forçada pelo discurso (ὡς ἀνανκασθεῖσα τῶι λόγῳ), inutilmente tem má reputação (μάτην ἀκοῦει κακῶς)].

(GÓRGIAS, *Elogio de Helena*, 12)

Górgias conclui esse longo trecho fazendo uma analogia entre os remédios (φάρμακα) e os discursos (λόγοι). Enquanto os primeiros alteram os humores do corpo, seja cessando a doença, seja a vida, os discursos atormentam, agradam, aterrorizam, levam os ouvintes a uma situação de confiança e, por meio de uma persuasão má, drogam e enfeitiçam a alma.

-Em relação à quarta causa (§§15-19), Górgias se vale do argumento do amor. Se o olhar de Helena (τὸ τῆς Ἑλένης ὄμμα) sentiu desejo e combate de amor pelo corpo de Alexandre (τοῦ Ἀλεξάνδρου σώματι) não é para se admirar. Se, por um lado, o amor (ἔρως) é um deus que tem poder divino dos deuses (θεὸς ὦν ἔχει θεῶν θείαν δύναμιν), quem lhe é inferior não seria capaz de expulsá-lo e defender-se, se, por outro lado, ele é uma enfermidade humana (ἀνθρώπινον νόσημα) e uma ignorância da alma (ψυχῆς ἀγνόημα), ele não deve ser criticado como erro, mas considerado como infelicidade.

Conclusão

Com a explicitação das quatro causas e as respectivas defesas de Helena, Górgias pretende fazê-la escapar da acusação. Ele retira, então, por meio do discurso (τῶι λόγῳ), a má reputação da mulher (δύσκειαν γυναικός). O discurso (λόγος), um grande soberano, tendo o poder de arrastar Helena, também tem o poder de forjá-la, como o ser do *Tratado do não-ser*, que, longe de ser anterior, conforma-se, sempre na sequência, ao discurso que efetuou a predição dele, e ele mantém sua existência – como Helena, emblema do discurso – somente por ter sido discorrido. Lembremos que Hera mesma a forjou e a entregou, como um fantasma (εἶδωλον) vivente, ao filho do rei Príamo, e ele imagina que a tem, imagem (δόκησιν) vã, quando não a tem.

Ἐ- Helena-

ἦλθον τρεῖς θεαὶ κάλλους πέρι Ἰδαῖον ἐς κευθμῶν Ἀλέξανδρον πάρα, Ἥρα Κύπρις τε διογενῆς τε παρθένος, μορφῆς θέλουσαι διαπεράνασθαι κρίσιν. τούμῳ δὲ κάλλος, εἰ καλὸν τὸ δυστυχές, Κύπρις προτεῖναισ' ὡς Ἀλέξανδρος γαμεῖ, νικᾷ. λιπῶν δὲ βούσταθμ' Ἰδαῖος Πάρις Σπάρτην ἀφίκεθ' ὡς ἐμὸν σχήσων λέχος.	Três deusas foram, pela causa da beleza, a um vale do monte Ida, em busca de Alexandre, Hera, Cípris [Helena] e a virgem filha de Zeus, querendo elas decidir um concurso de formosura. E tendo oferecido a minha beleza – se é mesmo belo o infortunado – para que Alexandre desposasse, Cípris [Helena] venceu. Então Páris do monte Ida deixou seu rebanho e foi à Esparta para me tomar como esposa.
Ἥρα δὲ μεμφθεῖσ' οὐνεκ' οὐ νικᾷ θεάς, ἐξηνέμωσε τᾶμ' Ἀλεξάνδρῳ λέχη, δίδωσι δ' οὐκ ἔμ', ἀλλ' ὁμοιώσασ' ἐμοὶ εἶδωλον ἔμπνου οὐρανοῦ ξυνθεῖσ' ἄπο, Πριάμου τυράννου παιδί: καὶ δοκεῖ μ' ἔχειν — κενὴν δόκησιν, οὐκ ἔχων.	Mas Hera, inconformada por não ter vencido as outras deusas, inflou de vento meu tálamo com Alexandre: não foi a mim que ela entregou ao filho do rei Príamo, mas um fantasma (εἶδωλον) vivente, que ela forjou do céu à minha semelhança. E ele imagina que me tem – imagem (δόκησιν) vã –, quando não tem.

(Eurípides. *Helena*, v. 23-35, trad. de C. L. Crepaldi)

Referências

- CASSIN, Barbara (1995). “Hélène ou la logique du dire efficace” & “Lacan et la sophistique: *Encore encore Hélène*”. In *L’effet sophistique*. Paris: Éditions Gallimard, pp. 74-100 & pp. 398-408.
- _____. (2005). “A ontologia como obra prima sofística”. In *O efeito sofístico*. Trad. Ana Lúcia de Oliveira, Maria Cristina Franco Ferraz e Paulo Pinheiro. São Paulo: Editora 34, pp.13-63.
- CHANTRAINE, P. (1977). *Dictionnaire étymologique de la langue grecque*. Paris: Klincksieck.
- COELHO, M. C. de M. (1999). *Tratado do não-ente & Elogio de Helena*. In *Cadernos de tradução*. São Paulo: Editora USP.
- _____. (2001). “Imagens de Helena”. *Clássica*, São Paulo, v. 13/14, n. 13/14, pp. 159-172.
- _____. (2010). “Retórica, filosofia e lógica: verdade como construção discursiva”. In ASSUNÇÃO, T. R.; FLORES JÚNIOR, O. & MARTINHO, M. *Ensaio de retórica*. Belo Horizonte: Tessitura, pp. 27-55.
- _____. (2016). “Helena troiana: a fama de um nome e o desejo de vingança no cinema”. *Artefilosofia*, [s. l.], n. 20, pp. 15-32.
- CORDERO, N. L. (2011). *Sendo, se é: a tese de Parmênides*. Trad. Eduardo Wolf. São Paulo: Odisseus Editora.
- CREPALDI, C. L. (2015). Eurípidés. *Helena*. São Paulo: FFLCH/USP.
- DIELS, H. & KRANZ, W. (1903). *Die fragmente der vorsokratiker*. Berlin: Weidmann.
- DUMONT, J-P. (1988). *Les Présocratiques*. Paris: Éditions Gallimard.
- JONES, S. & POWELL, J. E. (Ed.). Thucydides (1942). *Historiae in two volumes*. Oxford: Oxford University Press.
- KERFERD, G. B. (Ed.) (1981). *The sophists and their legacy*. Wiesbaden: Franz Steiner Verlag GMBH.
- KURY, M. da G. (1982). Tucídides. *História da Guerra do Peloponeso*. Brasília: Editora Universidade de Brasília & São Paulo: Edições Imprensa Oficial de São Paulo.

LACERDA, T. C. E. de (2011). *Contra os sofistas e Elogio de Helena* de Isócrates: tradução, notas e estudo introdutório. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

LIDDELL, H.; SCOTT, R.; JONES, S. (1996 [1843]). *A Greek-English Lexicon*. Oxford: Oxford University Press.

MOSSÉ, C. (1991). *La Femme dans la Grèce antique*. Paris: Éditions Complexe.

SCHIAPPA, E. (1990). "Did Plato Coin Rhetorike?" *The American Journal of Philology*, Vol. 111, N. 4, pp. 457-470.

SISSA, G. (1990). "Filosofias do gênero: Platão, Aristóteles e a diferença dos sexos". In *História das mulheres no Ocidente*. Trad.: Maria Helena da Cruz Coelho & Irene Maria Vaquinhas. Porto: Edições Afrontamento & São Paulo: Ebradil, pp. 79-123.

TORRANO, J. (2004). *Ésquilo. Agamênon*. São Paulo: Iluminuras.